

# TEORIA PARA QUEM, TEORIA PARA QUÊ? A CONTRIBUIÇÃO DO LIVRO *TEORIA (LITERÁRIA) AMERICANA*

Antonio Barros de Brito Junior

A oportunidade de se ler um livro sobre teoria literária no Brasil é, sem dúvida, rara. Em geral, no Brasil a teoria é tratada como instrumento de análise para extrair dos “fenômenos literários” (chamemos assim aos livros lidos) aqueles traços que os aproximam das constantes observadas pelo discurso teórico-crítico. O que se faz aqui em termos de teoria literária, para o bem ou para o mal, ainda é algo que se poderia classificar, sem muitas reservas, como crítica literária (e não há, nessa constatação, nenhum tipo de depreciação). Porém, por força de uma pressão acadêmica, o velho discurso crítico, antigamente prestigiado pela sua fluidez impressionística, aparece, desde o fim do século passado, com o apelo da legitimação teórica. Para embasar as suas intuições, o crítico lança mão de um repertório teórico transdisciplinar que, se não influencia decisivamente na interpretação do texto, dá, apesar disso, a “grife” necessária para a sustentação da prática acadêmica. Nesse sentido, o discurso crítico raras vezes vem acompanhado de um embasamento teórico que ilumine a literatura, seja no nível particular (“este livro”), seja no nível geral (“os livros como um todo”, ou “os livros parecidos com este” etc.).

É por isso que a publicação de *Teoria (literária) americana: uma introdução crítica*<sup>1</sup>, do professor Fabio Akcelrud Durão, deve ser saudada como uma intervenção decisiva no resgate da reflexão teórica por parte dos críticos e acadêmicos brasileiros. Ainda que o livro se debruce mais sobre o estudo e o diagnóstico da Teoria (assim, com maiúscula, para marcar a prática transdisciplinar que ganhou destaque entre as humanidades) nos EUA, as colocações do autor são decisivas para refletirmos sobre o papel da reflexão teórica e da atividade crítica, de um modo geral, nos estudos literários de qualquer país. Escapando da sedução

da mera simplificação didática, o livro de Fabio Durão tenta, em primeiro lugar, recuperar os antecedentes históricos que moldaram a Teoria como o campo majoritário de atuação dos universitários do Norte, para, posteriormente, pensar o modo como essas práticas, quando introduzidas na lógica da competição e publicidade – na lógica capitalista de produção e consumo da diferença –, exibem uma forte contradição com seus pressupostos analíticos. Acompanhando o autor, logo perceberemos que, embora visem às relações entre a cultura e os sujeitos que a produzem e consomem, a proliferação dos *studies* e das interpretações dos bens culturais não levou necessariamente a um considerável aumento do conhecimento e da compreensão em torno da cultura; isso tudo levou, antes, a uma “perda da aura”.<sup>2</sup>

No primeiro capítulo, Durão trata exatamente dessa proliferação. Para ele, a transdisciplinarização da Teoria não produziu aquilo que dela se esperava: o novo olhar crítico passou a admitir, por força de sua própria estruturação multidisciplinar, a análise de fenômenos culturais que outrora não se inscreviam na rubrica da teoria literária. O comprometimento com a transdisciplinaridade resultou, assim, no descompromisso com o próprio fundamento do sentido; já não se buscava mais, nos objetos analisados, a percepção característica daquele tipo de crítica empenhada que vislumbra, ali, a cristalização da parte de um todo. Na verdade, o que Durão quer nos mostrar é que o mesmo princípio inquestionavelmente produtivo, que orientou os Estudos Culturais na sua origem – a saber, que todo objeto de cultura é fruto de uma “construção”, é a resultante de variáveis socioculturais, econômicas e linguísticas que se cruzam –, permitiu, mais tarde, a proliferação dos *studies*, sem que se pensasse, por uma daquelas coerências absurdamente incoerentes, na profundidade analítica dessas práticas. Essa horizontalidade da crítica acabou por fazer o acadêmico perder de vista o verdadeiro interesse da Teoria: revelar a suposta lógica produtiva dos bens culturais e sua verdadeira relação com a vida e a cultura. É Durão quem nos diz que

[...] a abertura para o mundo, típica da Teoria, tende muito facilmente a privilegiar os produtos da cultura de massa e da esfera do consumo; desta maneira, o

crítico corre o risco de deixar-se ofuscar por itens isolados (quantos congressos não são feitos sobre a Disney, Barbie ou Madonna!), reificando-os e esquecendo-se de criticar a lógica que os produziu.<sup>3</sup>

Como consequência disso, Durão não hesita em dizer:

Sob a égide da Teoria, a academia norte-americana nunca esteve tão isolada da sociedade em geral, nunca foi tão autorreferente; os quadros que forma nunca foram tão profissionalizados – de fato, a ponto de serem influenciados pelo *job market*, uma fonte de preocupação, por vezes até a finalidade última, dos *freshmen* da pós-graduação, já em seu primeiro ano de doutorado.<sup>4</sup>

Aliás, diga-se de passagem, a aporia que Durão enxerga aí não se distancia daquilo que Terry Eagleton, no calor do debate, insistentemente apontou. Livros como *The Illusions of Postmodernism*<sup>5</sup> e *After theory*<sup>6</sup> questionam o *modus operandi* dos *studies*: para Eagleton, o aguçamento da crítica em nome de uma política supostamente igualitária e a ampliação do escopo de análise geraram, contraditoriamente, uma “amnésia política”, e a ênfase dada pela Teoria a bens culturais secundários fetichiza a crítica na mesma proporção em que colabora para a manutenção da lógica cultural repreendida pelos estudos. Durão e Eagleton não estão, portanto, distantes um do outro.

Aliás, creio que o que deve ser salientado, nesse debate, é que a crise que a Teoria vive para combater – e que, no fundo, ela engendra – deve-se não apenas à nebulosa de interpretações produzidas, mas talvez à impossibilidade do acúmulo das interpretações. A Teoria se ressentida de algo que é fundamental do ponto de vista do conhecimento, e que, de certo modo, as abordagens anteriores gozaram privilegiadamente. Digo que a superabundância de códigos não é a principal aporia da Teoria, pois, afinal, do ponto de vista da noção de textualidade que a escora, cada leitura de cada indivíduo específico “funda” um código próprio que contrasta e colide com os demais. Nesse sentido, não há problema em se admitir, do ângulo da Teoria, o máximo possível de possibilidades de leituras. Inclusive, as outras hipóteses flertam com algum tipo de imanentismo que estabelece que no texto existem elementos concretos

que delimitam o escopo hermenêutico. Daí que – creio – a aporia que marca a Teoria consiste no fato de que as interpretações, tão diversas quanto os objetos estudados, não circulam suficientemente entre os teóricos e os críticos a ponto de produzir qualquer tipo de “lugar comum” da crítica. Talvez, a hipertrofia dos códigos não seja um problema com o qual a Teoria tem que lidar; em vez disso, o principal problema consiste em fermentar uma discussão, dentro e fora da Academia, que permita que as interpretações sejam questionadas, assimiladas, corrigidas, sem a imposição de novos paradigmas que por fim as tornam “a melhor teoria dos últimos tempos da última semana”. A contradição da Teoria, assim, está em trabalhar com uma noção de temporalidade que se aplica perfeitamente aos textos (não há um sentido definido para o texto, na medida em que cada leitura é um evento social e historicamente determinado, que não necessariamente resgata um evento de linguagem que o precede), mas que, no plano político e no plano acadêmico, não é satisfatória, porque apressa um consenso que depende de circulação de ideias. Ganha-se de um lado, perde-se de outro, sem que isso signifique uma impostura teórica.

No capítulo dois, inclusive, Durão entra no mérito do debate acerca dos ganhos e perdas, dos prós e contras, da Teoria. A primeira proposição encarada por Durão é a de que “a Teoria, por si só, não se sustenta”,<sup>7</sup> o que equivale a dizer que a Teoria apenas se sustenta como disciplina acadêmica nos mesmos moldes de todas as outras anteriores – através da canonização de autores, produção de *handbooks*, rarefação da linguagem e, ainda por cima, um confortável abrigo em instituições que, no final das contas, não fazem nada de significativo para solucionar os problemas apontados. Desse ponto de vista, alega-se que a “missão” da Teoria reduz-se à produção (não esporádica) de conhecimento que, na prática, tem utilidade pública limitada. É claro que é sempre difícil mensurar o alcance das ideias produzidas na Academia em vista das mudanças concretas que elas podem engendrar do ponto de vista político – o que torna injusto o argumento. Se a crítica não “humaniza”, não é necessariamente verdade que ela “brutaliza” ou que contribui para a barbárie. Destruído o sofisma, Durão então abre espaço para outro argumento, igualmente controverso: o sucesso da Teoria pode ser medido

pelo grau de distanciamento e confronto com as teorias tradicionalistas e reacionárias. Na medida em que se opõe à ilusão iluminista e redentora das teorias anteriores, a Teoria gera ressentimentos e reações reformistas que tentam sacralizar a cultura e a literatura. Como resultado, cria-se um *sparring* de que a Teoria se aproveita para reforçar os mesmos princípios democratizantes, antitotalizantes etc. que, noutro momento, serão questionados pela pouca efetividade na construção da mudança que, se não é reclamada pela Teoria, está certamente no horizonte intelectual de seus praticantes. Em seguida, Durão apresenta as ideias de outro livro, o *Theory's Empire: An Anthology of Dissent*<sup>8</sup>, reduzindo-as a vinte e seis argumentos, uns mais, outros menos contundentes. Destaco, entre eles, os de número 1 (“Ao negar as grandes metanarrativas, a Teoria na realidade erigiu a maior delas: a própria Teoria”), número 8 (“Ao perder sua transitividade, por não mais ser teoria *de* alguma coisa, a Teoria converteu-se em pura instituição [...]”<sup>10</sup>) e número 23 (“Ao reduzir fatos a valores, e o plano da cultura a questões de poder, os Estudos Culturais abolem qualquer espaço para a política, pois o estabelecimento de uma ordem política e legítima fica fora de questão [...]”<sup>11</sup>). Em meio a esses argumentos, Durão contribui com uma ideia que, penso, é decisiva para a compreensão do sistema de produção da Teoria: a transdisciplinaridade, a indiferenciação dos objetos de análise e a abundância de sentido são um tipo de prática que encontra nos EUA o solo mais fértil.

Este tema é abordado no terceiro capítulo. Durão passa em revista a universidade norte-americana para revelar a ascensão de práticas acadêmicas que, hoje em dia, estão estruturadas na “mais-valia”. Atualmente, nas universidades dos EUA, “conceito de excelência [...] não remete [...] a algum conceito regulador, mas a um *sistema imanente de comparações*. Um pesquisador excelente não é o que realiza algo específico, mas aquele que faz *mais*.”<sup>12</sup>

Assiste-se, portanto, à predominância da lógica do empreendedorismo, e as universidades entram no frenesi da competição de mercado, tanto do ponto de vista da quantidade de produção quanto do ponto de vista da qualidade. Em contrapartida, a assimilação de tudo o que se produz não passa por nenhuma filtragem; a recepção indiscriminada

e apressada (o consumo à moda do *fast food*) torna difícil a abertura de qualquer canal de diálogo que não seja interrompido logo pela pressão da produção em massa. Desse modo, o que se tem é um aumento considerável de colóquios temáticos, agregando um número restrito de participantes que dialogam entre si, achatando a dimensão pública que deveria nortear o debate e afastando o conhecimento (e consequentemente a universidade) do âmbito político e público. Considerando o caso brasileiro, em que os melhores quadros intelectuais encontram-se nas universidades públicas, financiados por instituições de pesquisa estaduais e federais, as consequências desse isolamento são duplamente desastrosas.

No quarto capítulo, Durão debruça-se sobre dois livros que, para ele, representam, de modos diferentes, as ciladas em que a Teoria cai do ponto de vista metodológico e as rotas alternativas que ela pode encontrar para daí escapar. São, respectivamente, os livros *A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present*,<sup>13</sup> de Spivak, e *Ecolalias*,<sup>14</sup> de Heller-Roazen. No primeiro dos estudos de caso, Durão alega que o ambicioso projeto de subalternização da interpretação de Spivak não necessariamente vem acompanhado da consciência de seus becos-sem-saída. Nem a escrita obscura e a mistura de filosofias distintas como o marxismo, a psicanálise e a análise do discurso, nem a politização equivocada de obras literárias com o intuito de satisfazer a condição de alvo preferencial de um contracânone colaboram para a instauração de um campo de debate de interesse político e cultural. Durão nos mostra que esse arremedo de crítica política de Spivak, no qual se lê para argumentar que algo não deve ser lido por tais ou tais motivos, é uma prática intelectual fraca e presunçosa. Acrescento que o que é contraproducente nessa postura é, também, o proselitismo daqueles que “falam pelos outros” sem reconhecer o seu verdadeiro lugar no debate público. Nesse nível, qualquer debate está de antemão entravado: uma intervenção lateral ou mesmo contrária acaba recebendo o rótulo de “reacionária”, o que não corresponde com a atitude democratizante que assegura, em primeiro lugar, a posição de Spivak.

No livro de Heller-Roazen, entretanto, Durão enxerga um potencial que abre um precioso caminho para a teoria literária. Se, como

vimos, a Teoria padece da replicação irrefletida de “fórmulas de leitura”, então nada melhor do que uma abordagem que esclarece seus pressupostos de análise à medida em que circunscreve seu objeto:

Há ao menos dois elementos que fazem de *Ecolalias* um livro notável. Em primeiro lugar, sua ideia principal, a respeito da produtividade do esquecimento e da inevitabilidade da mudança, possui implicações óbvias para toda a gama de discursos identitários e defesas de minorias, incluindo todas as preocupações de “preservação” cultural. Diante das incessantes transformações da língua, aquilo que se vê como traços constantes de subjetividade ou da experiência de grupo são na realidade uma ficção e como tal devem ser tratados. Em segundo lugar, no que concerne à metodologia do estudo, ele inverte a relação entre teoria e literatura: a primeira é vista em sua materialidade, como objeto de interrogação; a última, como fonte de conceitos.<sup>15</sup>

Esse tipo de postura analítica, infelizmente, não é o que pauta o (já falecido?) pós-modernismo, tema do penúltimo capítulo do livro. O uso do conceito é irrestrito e, conseqüentemente, objetos díspares são submetidos ao mesmo “guarda-chuva” teórico. Em geral, a despeito de suas variantes, o pós-modernismo significou um tipo de “canibalização” que agregou os diferentes (por vezes os diametralmente opostos) em uma única lógica: *high brow* e *low brow*, tradição e ruptura, *kitsch* e vanguarda. Essa esquizofrenia poética reflete, em parte, os caminhos da própria teoria literária, como nos mostra Durão. Na verdade, as análises feitas na esteira do conceito de pós-modernismo “[...] não invocam o conceito do pós-moderno, mas produzem-no”.<sup>16</sup> O que o autor demanda é que a teoria não *produza* seus objetos. O compromisso deve ser outro: a escrita teórica deve resistir a se imiscuir no objeto, para não perder aquele distanciamento necessário para que a crítica viceje e possa repercutir fora de seu próprio sistema semiótico. Nisso, as implicações políticas não serão perdidas em uma nebulosa de sentido, mas serão integradas ao grande projeto da própria cultura, qual seja, a produção de sentidos e a incorporação do diferente. Para tanto, é necessária uma outra escrita (para Durão, aquela de Heller-Roazen, certamente), que

[...] não se renda à tentação de abundância imediata, nem que se agarre teimosamente à perpetuação de uma velha sina, mas que seja capaz de exibir seu pertencimento tensionado: um tipo de escrita que, por negar uma precipitada reconciliação, permanece aberta ao novo ou ao diferente que sempre esteve lá.<sup>17</sup>

O difícil compromisso da teoria literária reaparece, aqui, não com o sinal invertido da contrarreforma, mas sim com a marca do empenho que consagra, por exemplo, a Teoria Crítica de Adorno – que, não por acaso, ecoa sempre como uma voz distante, mas não perdida, em todo o livro de Durão.

O último capítulo traz a discussão com que esta resenha iniciou. Como todo o debate acerca da Teoria repercute no Brasil? Durão reitera aqui que existe um fluxo de ideias que sai dos “centros” acadêmicos norte-americanos e aporta no Brasil. Porém, isso não transforma positivamente a teoria literária brasileira; pelo contrário, Durão afirma que os intelectuais brasileiros não têm meios de competir em pé de igualdade com os *superstars* das universidades do Norte e, por isso, entram na lógica de produção como meros replicantes, adaptando os princípios teóricos aos casos brasileiros – algo que é incoerente, dado que, por definição, a cultura reserva-se o direito de ser específica em cada lugar. Durão é preciso ao nos indicar que nada disso é contrário ao sistema de produção da Teoria, tal como nos ensina o materialismo dialético mais elementar: como indivíduos “periféricos”, acabamos por ser consumidores dos bens culturais produzidos nos centros e, com isso, eventualmente adotamos sua Teoria. Se nossa cultura é “trivializada” pela interferência da cultura estrangeira importada – o que favoreceria, portanto, os instrumentos de análise igualmente importados –, por outro lado as condições de consumo não são as mesmas e isso faz toda a diferença na hora de importar manuais de interpretação.

Isso não significa que devemos recusar a Teoria *in limine*. A conclusão esboçada por Durão não poderia ser mais dialética: a legitimidade da Teoria encontra-se no exato ponto em que ela lança luz sobre um objeto, um fenômeno, que de outro modo permaneceria inconcebível.

Neste caso, a sua transdisciplinaridade constitutiva, sua facilidade em misturar a representação e o conceitual, sua tendência a incluir exterioridades levam ao aparecimento de algo rigorosamente *sui generis*, que não poderia ser encaixado em um compartimento disciplinar preexistente – e isso inclui o próprio debate metateórico.<sup>18</sup>

Porém, se ela patina sobre seus próprios métodos e justificativas, se ela se torna autorreferente e deslocada, inflacionada pelo discurso que produz a diferença sem um forte contexto político e social onde tal diferença se encaixa perfeitamente; e se ela se recusa a alimentar o debate, sem se deter, entretanto, na reflexão mais abrangente de como as interpretações podem fazer a diferença no mundo exterior aos muros das universidades, então a Teoria incoerentemente não atende ao seu próprio apelo.

## Notas

<sup>1</sup> DURÃO, Fabio Akcelrud. *Teoria (literária) americana: uma introdução crítica*. Campinas: Editores Associados, 2011.

<sup>2</sup> *Idem*, p. 25.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 31.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 33.

<sup>5</sup> EAGLETON, Terry. *The Illusions of Postmodernism*. Oxford: Blackwell, 1996. [Edição brasileira: *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.]

<sup>6</sup> EAGLETON, Terry. *After Theory*. New York: Basic Books, 2003. [Edição brasileira: *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.]

<sup>7</sup> DURÃO, Fabio Akcelrud. *Op. cit.*, p. 35.

<sup>8</sup> PATAI, Daphne & CORRAL, Will H. (eds.). *Theory's Empire: An Anthology of Dissent*. New York: Columbia University Press, 2005.

<sup>9</sup> DURÃO, Fabio Akcelrud. *Op. cit.*, p. 42.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 43. Destaques do autor.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 47.

<sup>12</sup> *Idem*, p. 70. Destaques do autor.

<sup>13</sup> SPIVAK, Gayatri C. *A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

<sup>14</sup> HELLER-ROAZEN, Daniel. *Ecolalias*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

<sup>15</sup> DURÃO, Fabio Akcelrud. *Op. cit.*, p. 90.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 102.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 106.

<sup>18</sup> *Idem*, p. 117.

*Resumo*

Este texto é uma resenha do livro *Teoria (literária) americana: uma introdução crítica*, de Fabio Akcelrud Durão. Aqui, discutem-se os argumentos do autor em torno do fenômeno da proliferação das abordagens teóricas e suas consequências para os estudos literários norte-americano e brasileiro.

*Palavras-chave*

Teoria Literária; Estudos Culturais; Pós-Modernismo.

*Recebido para publicação em*  
30/03/2011

*Abstract*

Here's a review of Fabio Akcelrud Durão's book *Teoria (literária) Americana: uma introdução crítica*. The article discusses the author's arguments on the proliferation of theoretical approaches and its consequences for literary studies in EUA and Brazil.

*Keywords*

Theory of Literature; Cultural Studies; Post-modernism.

*Aceito em*  
25/05/2011